



O projeto da Enciclopédia e seus registros sobre o Jornalismo¹

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

Resumo

O artigo faz um levantamento histórico sobre o projeto da **Enciclopédia** francesa de 1750, dirigida por d'Alembert e Diderot e procura verificar os registros encontráveis a respeito de verbetes básicos da área de comunicação, como “informação”, “comunicação”, “imprensa”, “jornal”, etc. Posteriormente, busca os mesmos verbetes em uma enciclopédia produzida quase um século mais tarde, evidenciando a profunda modificação que os termos sofreram, a partir da própria evolução das tecnologias de comunicação desenvolvidas entre o século XVIII e XIX.

Palavras-chave: Enciclopédia Francesa; Conceitos de teoria do jornalismo; História da Imprensa; História cultural; Comunicação Social.

Planejada originalmente – ou, ao menos, assim anunciada nos prospectos que então se divulgaram por seus editores originais – para 8 volumes, ao custo de 280 libras, num total de 1625 cópias, a Enciclopédia foi rapidamente modificada por seus editores originais – André-François Le Breton – o mais importante deles e aquele que mantinha as mais significativas relações políticas e institucionais com as autoridades de então, especialmente com os responsáveis pela Librairie³ - Antoine-Claude Briasson, Michel-Antoine David e Laurent Durant – logo atingiu 4.255 cópias, chegando a 17 volumes, ao custo de 980 libras. Iniciada sua publicação em 1751 (o primeiro volume, a que se seguiu um segundo em 1752), graças à política da *permissão tácita*⁴, alcançou três diferentes privilégios reais, foi perseguida permanentemente pelos jesuítas, sofreu

¹ Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29 de agosto a 5 de setembro de 2007, em Santos.

² Doutor em Literatura, professor de “Teorias da comunicação” e “Comunicação e opinião pública” no PPG de Comunicação Social da FAMECOS/PUCRS. Autor de livros como “Teorias da Comunicação” (Vozes, 2001).

³ A Librairie era o órgão censor representativo do Poder Real. Na época em que se inicia o projeto da Enciclopédia, é dirigida por Chrétien-Guillaume de Lamoignon de Malesherbes, que ocupará a função entre 1750 e 1763 e tornar-se-á o grande protetor do projeto, sendo depois substituído por Sartine, que era, primeiramente, o *lieutenant général de police*, encarregado de fazer arrestos e prisões, e que depois se tornou, ele mesmo, o Diretor da Librairie, a partir de 1763, pelo menos até 1774, quando acumulava as duas funções.

⁴ Havia quatro possibilidades de resultado a partir da análise da Librairie sobre uma obra: a) a proibição, pura e simples; b) a autorização, que implicava na concessão dos privilégios que garantiam monopólio da edição, já que as licenças eram dadas aos editores e não aos autores; c) a permissão tácita e d) uma forma ainda mais difusa de autorização, não-escrita, que indicava a possibilidade da edição, a que as autoridades fariam *vistas grossas* mas sobre a qual não interfeririam em defesa caso a polícia chegasse até elas ou seus editores, por iniciativa da Igreja, do Parlamento ou por quaisquer denúncias.

processos do Parlamento, foi incluída no Index da Igreja Católica, chegou a ter exemplares queimados em praça pública por ordem formal de Malesherbes, quando lhe foram retirados os privilégios como a melhor maneira de protegê-la⁵, ocupou 25 anos de trabalho ininterrupto, primeiro de D’Alembert e Denis Diderot; depois, apenas deste, auxiliado pelo fiel Louis Jaucourt e teve sua editoração concluída em 1765. Possuía 71.818 verbetes e 2.885 planchas ilustrativas.

Seja o projeto então desenvolvido, seja a disseminação dos volumes e, gradualmente, sua influência no pensamento que ultrapassará os eventos da Revolução de 1789, pode-se concordar com Robert Darnton quando ele afirma que *a obra suprema do Iluminismo [foi] a Enciclopédia de Diderot*⁶, a que acrescenta, mais adiante: *a Enciclopédia passou a ser reconhecida, por amigos e inimigos, como a síntese de um grandioso movimento intelectual* (p. 25).

A inovação e a importância da obra

O título da obra era *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et de métiers*, par uma société de gens de lettres [Enciclopédia ou dicionário raciocinado de ciências, de artes e de artes mecânicas, por uma sociedade de gente de letras]. Já no título, algumas questões se colocam, que se aborda aqui, ainda que de passagem, porque isso nos fará melhor entender o contexto em que a obra foi realizada:

a) enciclopédia ou dicionário *raciocinado* – os autores, especialmente d’Alembert e Diderot, afirmam claramente aqui a razão como fonte de conhecimento, e não a revelação, como a Igreja Católica pretendia. É evidente que eles tomam alguns cuidados com essa perspectiva e o modo pelo qual ela será desenvolvida, quer no “Discurso preliminar”, a cargo de d’Alembert, quer nos diferentes verbetes que se produzirão. No entanto, não se escusarão de, sobretudo em verbetes onde menos se

⁵ Quando o Parlamento decide abrir um processo contra os editores da Enciclopédia, o que significaria o exame minucioso do que se publicara até então, Malesherbes se antecipa e, através do Conselho de Estado, a 8 de março de 1759, retira-lhe os privilégios e permite que a obra seja incluída no Index da Igreja Católica, a 5 de março do mesmo ano. A retirada dos privilégios significava, na época que, na prática, a obra, sem a proteção real, deixava de encontrar um editor. Como o projeto, contudo, estava em andamento, Malesherbes ideou um grande arranjo pelo qual os editores deveriam indenizar os subscritores da obra. O valor arrecadado, contudo, financiou uma nova obra que nada mais era que os volumes que continuam todas as pranchas de ilustração da Enciclopédia, e que foram editados imediatamente, sob uma nova razão social e um novo título.

⁶ DARNTON, Robert – *O Iluminismo como negócio*, São Paulo, Companhia das Letras. 1996, p. 15. Para os dados inicialmente apresentados foram utilizadas, além da obra mencionada, os seguintes trabalhos: BURKE, Peter – *Uma história social do conhecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2003; CHARTIER, Roger – *Espacio público, crítica y desacralización en el siglo XVIII*, Barcelona, GEDISA. 1995; DARNTON, Robert – *O grande massacre de gatos*, Rio de Janeiro, Graal. 1986; DIDEROT, Denis – *Sur la liberté de la presse* (editado por Jacques Proust), Paris, Éditions Sociales. 1964. As citações específicas far-se-ão, ao longo do texto, quando necessário.

espere, provocar a Igreja e driblar as autoridades da época, expressando com bastante clareza sua inovadora perspectiva a respeito do conhecimento e dos princípios de organização social e política que defendiam. Diz Robert Darnton: *o elemento radical da Enciclopédia não residia em uma visão profética(...) mas em sua tentativa de mapear o mundo do conhecimento segundo novas fronteiras, determinadas única e exclusivamente, pela razão*⁷. Escreve d’Alembert no “Discurso preliminar”:

*não é, pois, absolutamente, por hipóteses vagas e arbitrarias que podemos esperar conhecer a Natureza; é pelo estudo refletido dos fenômenos, pela comparação que faremos de uns com os outros, pela arte da redução, tanto quanto seja possível, um grande número de fenômenos a um só que possa ser visto como o princípio*⁸ a que acrescenta, mais adiante: *assim, é talvez verdadeiro dizer que não há nenhuma ciência ou arte onde não haja rigor, ou uma boa Lógica, a instruir o espírito mais confuso*⁹.

b) uma enciclopédia e dicionário sobre as ciências, as artes e *as artes mecânicas* – um dos temas que mais ocupa d’Alembert em seu “Discurso preliminar”, é justamente a referência às pranchas ilustrativas, em especial aquelas sobre as artes mecânicas. É provável que pela primeira vez incluíam-se as artes mecânicas nesse tipo de obra, assim justificada por d’Alembert em seu “Discurso preliminar”:

*entretanto, a vantagem que as Artes Liberais têm sobre as Artes Mecânicas, pelo trabalho que as primeiras exigem do espírito, e pela dificuldade de ultrapassá-las em qualidade, é suficientemente compensada pela utilidade bem superior que as últimas nos proporcionam, na maior parte*¹⁰, para acrescentar, de imediato, com perspicácia imensa: *o desprezo que se tem pelas Artes Mecânicas parece ter influenciado até certo ponto os próprios inventores. Os nomes desses benfeitores da humanidade são quase todos desconhecidos, enquanto que a história dos destruidores, isto é, dos conquistadores, não são ignorados de ninguém. No entanto, é talvez junto aos Artesãos que é preciso ir procurar as mais admiráveis provas da sagacidade do espírito,*

⁷ DARNTON, Robert – *O Iluminismo como negócio*, op. cit., os. 19-20.

⁸ Tradução nossa, a partir da edição em CD-ROM de *L’Encyclopédie de Diderot et d’Alembert*, Paris, REDON. Site na internet www.dictionnaires-france.com, p. 8.

⁹ Tradução nossa, p. 12.

¹⁰ Tradução nossa, p. 17.



de sua paciência e de suas fontes. Defendo que a maioria das Artes foram inventadas apenas pouco a pouco, e que foi preciso uma muito longa espera de séculos para chegar ao relógio, por exemplo, ao ponto da perfeição em que o temos hoje¹¹.

D'Alembert, na terceira parte do “Discurso preliminar”, dedica-se a explicar cuidadosamente como se realizaram as pesquisas a respeito das Artes Mecânicas e, especialmente, a realização das ilustrações:

dirigimo-nos aos mais hábeis [artesãos] de Paris e do Reino; entendemos ser importante ir até seus ateliers, interrogá-los, escrever sob seu ditado; desenvolver seus pensamentos; resgatar os termos próprios a suas profissões, desenhar suas imagens e defini-las, conversar com aqueles que haviam guardado suas memórias, e (precaução quase indispensável retificar em longas e freqüentes entrevistas com alguns, o que outros haviam explicado imperfeitamente, obscuramente, e muitas vezes infielmente (...); mas se tratava de ocupações tão singulares e de movimentos tão delicados que, a não ser que eles mesmos se pusessem a trabalhar, a mover uma máquina com suas próprias mãos, de modo que se pudesse ver a obra se formar sob seus próprios olhos, é difícil falar daquilo com precisão. Foi então necessário muitas vezes procurar as máquinas, construí-las, colocar mãos à obra; tornar-se, por assim dizer, aprendiz, e fazer a gente mesmo obras ruins, para ensinar aos outros como se pode fazê-las bem¹².

Por fim, d'Alembert descreve minuciosamente o roteiro de pesquisa desenvolvido:

eis o método que seguimos para cada Arte. Tratamos de 1. a matéria, dos lugares onde ela se encontra, da maneira pela qual é preparada, de suas boas e más qualidades, de suas diferentes espécies, das operações pelas quais ela deve passar, seja antes de a empregar, seja colocando-a em serviço; 2. as principais obras que se faz e a maneira de realizá-las; 3. demos o nome, a descrição, e a figura das ferramentas e das máquinas, por peças detalhadas e por peças em seu conjunto; o corte das formas e outros instrumentos, de que era necessário conhecer seu

¹¹ Tradução nossa, p. 17.

¹² Tradução nossa, p. 52.

interior, suas perspectivas, etc.; 4. explicamos e representamos a mão de obra e as principais operações em uma ou mais pranchas [de ilustrações], onde vemos tanto apenas as mãos do Artista, quanto o Artista inteiro em ação, e trabalhando na obra mais importante de sua arte; 5. recolhemos e definimos o mais exatamente que foi possível os termos específicos daquela Arte. Mas o pouco hábito que temos de escrever e ler sobre as Artes [Mecânicas] torna as coisas difíceis de explicar de um modo inteligível. Daí nasceu a necessidade das ilustrações (...) Enviamos desenhistas aos ateliers. Tomamos esboços das máquinas e das ferramentas. Não omitimos nada disto que poderia mostrá-los distintamente aos olhos¹³.

c) [enciclopédia feita] por uma sociedade de *gens de lettres*, ou seja, de gente de letras – leia-se, por escritores ou intelectuais: para se compreender esse cuidado, é bom lembrar que o conhecimento, na época, era divulgado através de instituições muito específicas, como os salões¹⁴, as academias e até mesmo os cafés. Paris já tinha boas bibliotecas, como a de Saint-Victor, a da universidade, a do colégio dos jesuítas de Clermont, a do cardeal Mazarino – que se tornara pública após sua morte - a Biblioteca Real, cada vez mais acessível por esta época, etc.¹⁵. Ocorre, porém, que os enciclopedistas estavam *mexendo com marimbondos*, para usar uma expressão popular: *a relação entre informação e ideologia, na Encyclopédie, levanta algumas questões gerais sobre a conexão entre conhecimento e poder*, explicita Robert Darnton¹⁶, quando buscaram *classificar* o conhecimento, fazer um mapeamento do que até então se sabia, naquele momento e, sobretudo, pelo modo pelo qual esse mapeamento se realizou, ou seja, a partir de que diretrizes ele se concretizou. *Um filósofo que tentasse remarcar as fronteiras do mundo do conhecimento mexeria com tabu*, afirma o mesmo Darnton (p. 250) e por isso o cuidado com que o “Discurso preliminar” busca referir as pretensas bases teóricas a partir das quais se constituía: de John Locke a Francis Bacon, depois de experimentar e verificar a não-aplicabilidade dos princípios de Ephraim Chambers. Na verdade, as citações constituem-se, como mostra Robert Darnton no artigo citado, em dissimulações, já que, efetivamente, d’Alembert e Diderot, bem como seus

¹³ Tradução nossa, ps. 52/53.

¹⁴ Peter Burke (op. cit., p. 50) indica que no salão de Mme. de l’Espinasse era aquele em que se reuniam alguns dos principais redatores da Enciclopédia, como d’Alembert ou Turgot .

¹⁵ BURKE, Peter – Idem, ibidem, p. 67.

¹⁶ DARNTON, Robert – *O grande massacre de gatos*, op. cit., p. 248.

companheiros, referem falsamente, citam discriminatoriamente e, sobretudo, interpretam e combinam conceitos como bem entendem, com o único fito de tolher e dificultar a tarefa dos eventuais (e evidentes) censores. Na verdade, a estrutura básica da **Enciclopédia** organiza-se, à maneira de Bacon, em uma *árvore do saber*, sim, mas com um desenho completamente diverso daquela do sábio inglês, aliás, longamente explanado por d’Alembert no “Discurso preliminar”, mas que podemos sintetizar da seguinte maneira: a *árvore do saber* distribui-se por três grandes ramas: a da Memória, a que está afeta a História, que se divide entre sagrada, civil e natural; a Razão, que tem na Filosofia o seu grande referencial (e aqui ocorre uma imensa inovação na Enciclopédia, o que, por si só, colocava-a sob a desconfiança clerical), por seu lado dividida entre Conhecimento Humano e Conhecimento da Natureza; e a Imaginação, que se traduzia na Poesia, em sentido lato, incluindo a Narrativa, a Música, a Pintura, a Escultura, a Gravura, a Dramática e a Parabólica (alegoria).

O Conhecimento Humano, por seu lado, distribuía-se entre a Lógica e a Ética, e o Conhecimento da Natureza entre a Matemática e a Física (também chamada Filosofia Natural).

A Arte de pensar (Percepção, Julgamento, Raciocínio e Método), a Arte de Memorizar (Memória e Suplemento para a Memória: escrita e impressão), e a Arte da Comunicação (Artifícios Oratórios e Qualidades Oratórias) integravam a Lógica, indo da Ortografia à Versificação, passando pela Gramática, a Filologia e a Heráldica ou Armaria¹⁷.

Para distanciar-se o mais possível do risco de ligação com a Filosofia – já que ser *philosophe* não era exatamente uma recomendação – os enciclopedistas tratam de se caracterizar como *gens de lettres*, mutação semântica que, por outro lado, foi igualmente buscada como legitimação de suas tarefas, como se lê ao final do “Discurso preliminar”: *De onde inferiremos que esta Obra poderá, ao menos um dia, ter lugar de biblioteca de todos os gêneros a um homem do mundo; e em todos os gêneros, excetuado o seu* [refere-se, evidentemente, ao Conde d’Argenson, Ministro e Secretário de Estado da Guerra, a quem a obra é dedicada no frontispício],

a um Sábio de profissão; que desenvolverá os verdadeiros princípios das coisas; que destacará suas relações; que contribuirá à certeza e ao progresso do conhecimento humano; e que, multiplicando o número dos

¹⁷ Pode-se consultar a *árvore do saber* em DARNTON, Robert – *O grande massacre de gatos*, op. cit., os. 274/275.

*verdadeiros Sábios, de Artistas distinguidos e de Amadores esclarecidos, difundirá na sociedade novas vantagens*¹⁸.

Ao apresentarem-se como autores, eles se identificam claramente como M. Diderot, da Academia Real de Ciências e de Belas Artes da Prússia, enquanto d’Alembert se apresenta enquanto membro da Academia Real de Ciências de Paris, da Prússia e da Sociedade Real de Londres. Mais que isso, na dedicatória, referem:

*possa, Senhor, esta Obra, a qual muitos Sábios e Artistas célebres concorreram junto conosco, e que nós Vos apresentamos em seus nomes, ser um monumento durável do reconhecimento que as Letras Vos devem, e que eles procuram vos testemunhar. Os séculos futuros, se nossa Enciclopédia tiver a alegria de aí chegar, falarão com elogio da proteção que Vós lhes haveis acordado desde o início, menos sem dúvida pelo que ela é hoje em dia, que em favor do que ela poderá vir a tornar-se um dia*¹⁹.

Pode-se dizer, com toda a certeza, que eles estavam absolutamente conscientes do que estavam realizando: *Até aqui, ninguém tinha concebido uma Obra tão grande, ou ao menos, ninguém a havia executado. Leibnitz, de todos os Sábios o mais capaz de sentir tais dificuldades, desejava que alguém as ultrapassasse e depois de reconhecer que já houvera enciclopédias antes, insistem: Mas que serão para nós estas Enciclopédias? Que progresso não se alcançou desde então nas Ciências e nas Artes? Quantas verdades descobertas hoje, que não se entrevia então?*²⁰

Por isso, insistem: *Que a Enciclopédia se torne um santuário onde os conhecimentos dos homens estejam ao abrigo do tempo e das revoluções. Não seremos nós muito vaidosos por termos colocado seus fundamentos?*²¹

O que foi a Enciclopédia

Mas o que foi, exatamente, a Enciclopédia?

A Enciclopédia é uma reunião da informação disponível em sua época, e também uma vívida ilustração tanto da política como da economia do conhecimento, afirma Peter Burke²². Havia, basicamente, um único método de organização de obras

¹⁸ Tradução nossa, p. 54.

¹⁹ Tradução nossa, folha de rosto que reproduz a edição de 1751.

²⁰ Tradução nossa, ps. 45/46.

²¹ Tradução nossa, p. 51.

²² BURKE, Peter – *Uma história social do conhecimento*, op. cit., p. 19.

semelhantes, até então: o *método enciclopédico*, que seguia a organização temática, segundo a tradicional árvore do conhecimento. O princípio adotado por D’Alembert e Diderot, contudo, foi o método do dicionário, com a ordem alfabética dos tópicos, sendo que, a cada verbete, acrescentava-se, entre parêntesis, o campo de conhecimento a que pertencia.

Essa prática apresentava uma dupla novidade e desafio: de um lado, quebrava o parâmetro das poucas obras anteriores, mas plenamente conhecidas e institucionalizadas, como as de Ephraim Chambers e de Francis Bacon, às quais, aliás, d’Alembert menciona no seu “Discurso preliminar”. A nova organização traduzia, na verdade, não apenas uma nova maneira de organizar uma obra desse porte quanto introduzia uma outra maneira de referir o conhecimento e o modo pelo qual ele poderia ser adquirido ou transmitido pelo ser humano. Em que pesem as referências a Chambers e Bacon, uma simples visualização da obra evidenciava uma perspectiva diversa, que se afastava do conceito baconiano, à medida em que laicizava o processo do conhecimento.

Mas a novidade maior da Enciclopédia de d’Alembert e Diderot, ao trabalhar com os verbetes, é que, além disso, eles utilizaram a *referência cruzada*, isto é, um verbete poderia remeter, em seu interior, a outro verbete, o que trazia duas vantagens: de um lado, garantia a consulta multiplicada quase ao infinito da obra: por exemplo, no verbete *journal* há uma referência cruzada a *gazette*, já que, justamente naquele momento, a palavra *journal* começava a perder seu principal sentido de *diário* para assumir o de *publicação periódica*, o que o vinculava a *gazette*. Observe-se que, de certo modo, tal prática antecipava em séculos o que é hoje possível se fazer com a rede internacional de computadores quando, percorrendo-se um texto, algumas palavras podem ser destacadas de maneira que um simples clique do *mouse* permite que o leitor pule diretamente para aquela outra referência, e assim por diante, num progresso quase infinito de busca e cruzamento/aproximação de informações aparentemente díspares ao primeiro olhar.

Mais que isso, contudo, através das referências cruzadas os enciclopedistas conseguiram burlar a censura, introduzindo conceitos que, pela simples prática referida, sugeriam leituras diferenciadas, como aquela de *eucaristia* que remetia a *canibais*, por exemplo²³.

²³ A referência é retirada de BURKE, Peter, Idem, ibidem, p. 167.

O desafio enfrentado e concretizado pelos enciclopedistas mexia com tabus e, por conseqüência, mapeando o conhecimento, quase que fisicamente, permitia uma outra e nova percepção desse processo. Diderot e d’Alembert também estavam muito conscientes disso, tanto que, no prospecto de divulgação da obra e busca de assinaturas para seus financiadores, o primeiro escrevia que o termo *enciclopédia* provinha do grego e podia ser traduzido enquanto *círculo*, no sentido de *concatenação das ciências* (*enchainement des sciences*). A Enciclopédia, assim, queria-se enquanto

uma espécie de mapa do mundo, que deve mostrar os principais países, sua posição e dependência mútua, a estrada que conduz diretamente de um a outro. Esta estrada é, com freqüência, interrompida por milhares de obstáculos, que são conhecidos, em cada país, apenas pelos moradores ou viajantes, e que não podem ser representados a não ser nos mapas individuais, altamente detalhados. Esses mapas individuais serão os diferentes artigos da Enciclopédia e a árvore, ou carta Sistemática, será seu mapa-mundi,

conforme escreveu d’Alembert no “Discurso preliminar”.

O conhecimento tradicional, sobretudo a maneira pelo qual ele era adquirido, não passaria, segundo insinuações dos enciclopedistas, de preconceitos e superstições. A Enciclopédia, ao contrário, procurava apresentar *científica* e *racionalmente* o conhecimento. Daí aquele cuidado, já mencionado, para que as ilustrações não apenas representassem o objeto, quanto o apresentassem sob diferentes perspectivas, seu modo de construção e operação e, sobretudo, seu funcionamento e utilização²⁴.

Justamente por tudo isso, como quer Darnton, a Enciclopédia foi *um produto do seu tempo, da França de meados do século [XVIII], época em que os autores não podiam discutir abertamente as questões sociais e políticas, em contraste com a era pré-revolucionária, quando um governo vacilante permitiu maior liberdade de expressão*²⁵.

Os verbetes da comunicação na Enciclopédia

Escolheu-se, para análise, os verbetes *communication* (*comunicação*) e *information* (*informação*); *presse* (*imprensa*, ainda que em francês também possa ser lido enquanto *prensa*); *journal* (enquanto *jornal*, embora em francês a palavra tenha um

²⁴ Pode-se consultar, para este aspecto, DARNTON, Robert – *O Iluminismo como negócio*, op. cit., p. 18.

²⁵ DARNTON, Roberto – *O Iluminismo como negócio*, idem ibidem, p. 19.

primeiro sentido de *diário*) e seu correlato *journaliste* (enquanto *jornalista*, podendo, contudo, ser lido igualmente enquanto *diarista*); enquanto citação cruzada, o verbete *gazette* (*gazeta*) e, enfim, *opinion* (*opinião*). Verificar-se-á o quanto, de 1750 para cá, tais palavras modificaram seus sentidos, perdendo ou ganhando novas significações ou, ao contrário, mantiveram e reforçaram aqueles sentidos de dois séculos atrás.

Começemos por *communication*. O verbete ensina que *este termo possui um grande número de acepções (...) designa às vezes a idéia de repartição ou de cessão; a de contigüidade, de comunidade e de continuidade; e aquela de exibição por uma pessoa a uma outra*. Esta conceituação abrangente está no campo da Gramática. Mas o verbete trabalhará com a física, a teologia, as belas letras, o Direito, etc. Nesse caso, interessa o campo das belas letras (literatura), onde encontramos:

figura de retórica pela qual o orador, seguro da justeza de sua causa ou afetando assim estar, refere-se a um ponto qualquer quanto à decisão dos juízes, do auditório, até mesmo àquela de seu adversário (...) esta figura pode produzir um efeito muito grande, desde que ela seja bem colocada.

Não se encontra, no verbete, qualquer alusão ao significado contemporâneo de *comunicação*, a não ser, indiretamente.

Quanto a *information*, o verbete se restringe ao campo do Direito, significando, tão somente, *ato judiciário contendo os depoimentos das testemunhas que se fizeram ouvir sobre um crime ou delito*. Mais adiante, explica-se que *essas informações eram públicas em matéria criminal tanto quanto em matéria civil; dava-se cópia ao acusado desde que o solicitasse, às suas custas*, e assim por diante. Nenhuma referência, igualmente, a quaisquer processos informacionais, tais como os compreendemos contemporaneamente²⁶.

²⁶ É interessante observar que a *Encyclopédie des gens du monde, répertoire universel des sciences, des lettres et des arts*, editada em Paris, em 1839, pela Librairie de Treuttel et Würzburg, já possui registros correspondentes aos fenômenos sociais tais como os compreendemos hoje. Se não, leiamos: *communication: Uma das primeiras necessidades do homem foi de se comunicar com seus semelhantes. O entorno que ele habitava não lhe sendo mais suficiente às necessidades sempre crescentes de sua existência e dos seus, fez-lhe procurar entrar em relação com os proprietários das regiões vizinhas, afim de obter pela via da troca, e muitas vezes pela força, o que a terra natal lhe recusava*. O verbete, extremamente longo, desenvolve então o processo de evolução das trocas comerciais, das rotas de transporte, e assim por diante, num enfoque absolutamente contemporâneo a nosso tempo. Quanto a *information*, lê-se: *ato judiciário que documenta as disposições de testemunhas sobre um fato processado criminalmente*, e por aí afora. Nenhuma alusão ao sentido contemporâneo, na área da Teoria da Comunicação.

* Ebanista, o que trabalha com o ébano, no sentido de entalhador, ou prensa de entalhes.



O verbete *presse*, como se disse, possui os sentidos de *prensa*, que é o primeiro, e assim aparece na Enciclopédia (no campo da mecânica) e de *imprensa*. Na verdade, neste sentido de *prensa*, seguem-se diferentes referências como *prensa de licores*, *prensa de ebanista**, *prensa de cartonagem*, *prensa para instrumentos de música*, *prensa de moedas*, *prensa de talhe doce*, para selos, etc. Então, chega-se à *prensa de impressão* propriamente dita, a que se segue um verbete no campo do Direito político, firmado pelo próprio Diderot, em que se lê:

perguntam se a liberdade de imprensa é vantajosa ou prejudicial a um Estado. A resposta não é difícil. É da maior importância conservar-se este costume em todos os Estados baseados sobre a liberdade: eu digo mais: os inconvenientes desta liberdade são tão pouco consideráveis vis-a-vis de suas vantagens, que ela deveria ser o direito comum do universo, e que deveria ser proposto de ser autorizado por todos os governos. Nós não devemos destacar da liberdade de imprensa, as lamentáveis conseqüências que se seguiram aos discursos dos arengueiros de Atenas e dos tribunos de Roma. Um homem em seu escritório lê um livro ou uma sátira sozinho e muito friamente. Não se deve acreditar que ele sofria as paixões e o entusiasmo de um outro, nem que ele seja levado para fora de si pela veemência de uma declamação. Mesmo quando ele tomar uma disposição de revolta, não haverá jamais condições reais de fazer explodir seus sentimentos. A liberdade de imprensa não pode, pois, por maior que seja o abuso que dela se faça, excitar tumultos populares. Quanto aos murmúrios, e aos secretos descontentamentos que ela possa fazer nascer, não será vantajoso que, não explodindo se não por, palavras, advirta a tempo aos magistrados para remediá-los? É preciso convir que, por todo o lugar, o público tem uma grande disposição de acreditar naquilo que lhe é relatado contra aqueles que governam; mas esta disposição é a mesma nos países de liberdade e naqueles de servidão. Um comentário ao pé da orelha pode correr tão ligeiro, e produzir tão grandes efeitos quanto uma brochura. Este comentário pode ser igualmente pernicioso no país em que as pessoas não estejam acostumadas a pensar em voz alta, e a discernir o verdadeiro do falso, e entretanto não se deve se embarassar com tais discursos. Enfim, nada pode multiplicar tanto as sedições e os libelos em

um país onde o governo subsista em um estado de independência, que proibindo esta impressão não autorizada, ou de dar a qualquer um, poderes ilimitados de punir tudo o que lhe desagrade: tais concessões de poderes em um país livre, tornar-se-iam um atentado contra a liberdade, de modo que se pode garantir que esta liberdade seria perdida na Inglaterra, por exemplo, no momento em que as tentativas da pressão da imprensa vencesse; de qualquer modo, deve-se cuidar em estabelecer esta espécie de inquisição.

Na edição Panckoucke da mesma Enciclopédia, lê-se, resumidamente, na passagem do verbete, esta alusão:

os inconvenientes desta liberdade são tão pouco consideráveis vis-a-vis suas vantagens, que isto deveria ser o direito comum do universo. Esta liberdade não pode, qualquer que seja o abuso que dela se faça excitar tumultos populares. Mal que pode causar em um governo a restrição desta liberdade.

Observe-se que Diderot, tanto defende a liberdade de imprensa, em sentido estrito, quanto condena a existência de privilégios para editores, posição que modificará, posteriormente, quando do texto de 1763 *Sur la liberté de presse*, pelos motivos já expostos antes.

Na Encyclopédie des Gens du monde, de 1839, existem 3 acepções para o verbete *presse*. Uma delas refere *as máquinas destinadas a comprimir os corpos e, por conseqüência, a deixar neles uma impressão qualquer. A prensa mais simples é aquela dita de papel.*

Uma segunda referência alude a que, *na Inglaterra, esta palavra tem uma acepção especial: designa um costume bárbaro utilizado para o recrutamento de marinheiros e de soldados da marinha, desde que as apresentações voluntárias não são suficientes para as necessidades do serviço.*

Nenhum desses sentidos nos interessa diretamente. É o terceiro, contudo, que registra o sentido que, na tradução passa a significar *imprensa*:

no sentido figurado, esta palavra se estende aos produtos da impressão, escritos de toda a natureza que saem de sob a prensa do tipógrafo, sobretudo obras de polêmica, de discussão, como os jornais, os panfletos, etc. A imprensa é o eco prolongado da palavra humana; é a tribuna ampliada, ou melhor, é a extensão do fórum até os limites do

mundo civilizado(...) Esse instrumento de publicidade universal é uma das causas mais ativas das diferenças profundas que separam o mundo moderno do antigo(...),

ou seja, aqui, o sentido contemporâneo de *imprensa* já se encontra suficiente e significativamente separado do de *prensa*, ao contrário do verbete da Enciclopédia de Diderot.

Quanto a *journal*, o verbete, firmado por M. Bellin, inicia-se com uma referência à Gramática e ao Comércio: *memória do que se faz, do que se passa a cada dia*. No campo do comércio, trata-se do *livro diário*, ainda hoje usado, diga-se de passagem.

Segue-se a referência quase isolada: *dá-se hoje o nome de journal a certas obras que contêm detalhes do que se passa diariamente na Europa*. Ver *GAZETTE*.

Na passagem seguinte, alude-se a *journal*, no campo da Literatura, enquanto *obra periódica, que contém extratos de livros recentemente impressos, com detalhes das descobertas que se fizeram todos os dias nas Artes e nas Ciências*. O verbete passa a historiar o surgimento do Journal des Savants, e assim por diante.

O verbete conclui pelo *journal* no campo da marinha, que é o *diário de bordo*.

O verbete *journaliste* destaca apenas aquele sentido referido ao *journal* enquanto registro de novidades literárias, o que aproxima este profissional do *crítico*, referência cruzada que está inscrita no final do verbete, diga-se de passagem. Assim, escreve o enciclopedista: *autor que se ocupa em publicar extratos e julgamentos sobre obras de Literatura, de Ciências e de Artes, à medida em que elas aparecem*. Segue-se uma brincadeira típica dos redatores da Enciclopédia: *de onde se vê que um homem desta espécie não fará nada jamais, se os outros repousarem*. Mais adiante, voltando ao tom sério: *Um jornal envolve uma tão grande variedade de matérias, que é impossível a um só homem fazer até mesmo um jornal medíocre(...)* *Um jornal deve ser a obra de uma sociedade de sábios*, e assim por diante.

Já na Enciclopédia de 1839, antes referida, o registro sobre *journal* é igualmente contemporâneo e, por isso, diverso daquele de Diderot: *palavra que responde ao diarium dos romanos, empregada mais tarde exclusivamente no plural, diária, e que designa uma publicação diária*. O verbete estende-se longamente sobre a



evolução e a história dos jornais e do jornalismo, através dos cinco continentes, inclusive.

Verifica-se, contudo, que o termo *gazette*, sugerido pelo enciclopedista de 1750, supre em parte nossas necessidades:

relato dos acontecimentos públicos. Foi no começo do século XVI que este útil uso foi inventado em Veneza, no tempo em que a Itália era ainda o centro do comércio da Europa, e no qual Veneza era sempre o asilo da liberdade. Chama-se a estas folhas que se publicavam uma vez por semana, gazettes, do nome gazetta, pequena moeda relativa a um de nossos meio-centavos, que tinha então curso em Veneza. Este exemplo foi em seguida imitado em todas as grandes cidades da Europa.

O verbete prossegue referindo também os jornais literários e de resenhas, como o de Théophraste Renaudot, na França; relembra os jornais chineses – pioneiros – e, no final do texto, acrescenta uma curiosa observação:

uma espécie de gazette muito útil numa grande cidade, e de que Londres deu exemplo, é aquela na qual se anuncia aos cidadãos tudo o que deve ocorrer na semana vindoura para seu interesse e seu divertimento; os espetáculos, as novas obras de todo o gênero; tudo o que os particulares querem vender ou adquirir; os preços da bolsa, os dos víveres; em uma palavra, tudo o que possa contribuir às comodidades da cidade. Paris imitou em parte este exemplo já há alguns anos.

Quanto à *Encyclopédie des gens du monde*, o registro é mínimo: *ver Journal, Journalisme et l'article suivant sobre Gazette de France, que é, como se sabe, um jornal literário, à semelhança do Journal des savants.*

Chegamos ao verbete *opinion*, inscrito no campo da Lógica, sobre o qual se escreve:

é uma palavra que significa uma crença fundada sobre um motivo provável, ou um julgamento do espírito sob dúvida e incerteza. A opinião é melhor definida, como o consentimento que o espírito dá às proposições que não lhe parecem verdadeiras num primeiro lance, por que não se deduzem por uma necessária consequência daquelas que ceavam nelas mesmas a impressão de verdade.

O verbete avança perigosamente contra algumas verdades então estabelecidas, quando diz:

Sustenta-se comumente na escola que a opinião não é incompatível com a ciência sobre um mesmo assunto: no entanto, a opinião supõe uma dúvida e a ciência exclui toda incerteza (...) se se examina de mais perto a questão, compreender-se-á que é absolutamente impossível que se possa ao mesmo tempo duvidar e estar certo de uma mesma coisa, etc.

O verbete é firmado por d’Alembert e, no seu desdobramento, chega ao campo do Direito, referindo os areopagistas, lembra Júlio César, etc.

O mesmo verbete, na edição Panckoucke, repete sinteticamente a mesma perspectiva, mas curiosamente, acrescenta um verbete como *opinion dangereuse* e refere a Teologia... situação inexistente na versão original de Diderot e D’Alembert: teria Panckoucke ousado tanto na edição que já ultrapassara a revolução de 1789?

Quanto à Encyclopédie de 1839, o verbete assim se inicia: *opinion, opinion publique*. É evidente que Jean-Jacques Rousseau já publicara seu livro sobre o Contrato Social, e por isso aqui se podia ler:

Opinião é a expressão, o sentimento de uma pessoa. A opinião pública é aquela que aparece o mais geralmente difundida em uma nação ou entre todas as nações civilizadas. Nós a representamos sob a figura de uma jovem mulher cuja andadura e continência estão mal asseguradas, mas cujo ar e olhar são muito orgulhosos. Um autor italiano qualificou-a como rainha do mundo; com efeito, é ela, disse Pascal, “que dispensa a reputação, o respeito, a veneração às pessoas, às obras, aos grandes. Ela dispõe de tudo; ela faz a beleza, a justiça, a felicidade, que é o todo do mundo”.

O verbete conclui observando: *A opinião é particularmente poderosa nos países de publicidade, onde é fácil constituí-la. Enfim, ela será mais ou menos depurada segundo o grau de civilização difundido em cada país.*

De 1750 – quando a Enciclopédia começou a ser impressa, em seu primeiro volume – a 1839, data de publicação desta outra enciclopédia, muita história havia ocorrido: a revolução de 1789, os Dias do Terror, a presença e o desaparecimento de Napoleão Bonaparte – a Monarquia de Julho de 1830. Mudavam os tempos, modificava-se a percepção dos fenômenos sociais, e as enciclopédias registravam, como um fiel barômetro, essas mudanças de temperatura...



Referências bibliográficas

- BURKE, Peter – *Uma história social do conhecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2003.
- CHARTIER, Roger – *Espacio público, crítica y desacralización en el siglo XVIII*, Barcelona, GEDISA. 1995.
- DARNTON, Robert – *O Iluminismo como negócio*, São Paulo, Cia. das Letras. 1996.
- DARNTON, Robert – *O grande massacre dos gatos*, Rio de Janeiro, Graal. 1986.
- DIDEROT, Denis – *Sur la liberté de la presse*, Paris, Éditions Sociales. 1964.
- ENCYCLOPÉDIE de Diderot e d’Alembert – Paris, Redon. Sem data. Versão em CD-Rom.
Site na internet: www.dictionnaires-france.com
- ENCYCLOPÉDIE DES GENS DU MONDE, Paris, Librairie de Treuttel et Würzburg. 1839.